

Em relação ao HIV

O pior estigma que tive de ultrapassar fui eu

— revela a zambiana Ophelia Haanyama Orum

Pelas suas contos, Ophelia devia ter morrido em 1996. Nasceu na Zâmbia há 42 anos e, tal como mais de um milhão de pessoas daquele país de 11 milhões, tem VIH (vírus da imunodeficiência humana). Foi contagiada pelo ex-namorado durante os anos 80 e descobriu, por acaso, em 1991, quando ficou grávida do segundo filho. Na altura, pouco havia a fazer. Os tratamentos "eram escassos. Mas diz que teve a sorte de estar na Suécia na altura em que fez o teste e de, pouco depois, se ter mudado definitivamente para este país. Após um período de adaptação, dedicou-se a esta causa. Garante que o fez por "egoísmo": "Foi-lo por mim e para aceitar a realidade. Se isso ajudou alguém, fico muito feliz."

A gravidez não foi para a frente. Ophelia Haanyama Orum não estava preparada para ter aquele filho. "O meu objectivo era interromper aquela gravidez de qualquer forma", assumiu em entrevista recente.

Como se reage quando um médico nos diz que temos HIV, o vírus da Sida? Ophelia explica que é um processo. "De início estava demasiado chocada para estar zangada ou com raiva. Confundia HIV e Sida. Para mim era tudo a mesma coisa. Ter apenas o vírus ou a doença para mim significava apenas que ia morrer no espaço de cinco anos. E de início, nem tratamentos havia".

Mas não morreu. E não tencionava morrer. Ao contrário do seu ex-namorado, da sua irmã, dos seus cunhados, de muitos primos e conhecidos. Escolheram não tomar os medicamentos quando estes apareceram. Entregaram-se à doença e escolheram morrer, assegurou Ophelia.

Depois de alguma apatia e incredulidade inicial, ficou zangada. Zangada consigo, com o namorado, com a vida, com o mundo. Zangada com quem lhe deu a notícia. "Cheguei a pensar que o médico só me tinha dito que tinha HIV por eu ser preta". Simplesmente zangada. Mas percebeu que não podia viver assim. Tinha uma filha mais velha que precisava dela.

"Primeiro vem o choque e dura algum tempo, mas não podemos viver assim a vida toda. Levamos alguns anos a aprender a lidar com a situação, a aprender a melhor forma de contar à família e amigos que temos HIV. Durante alguns anos a nossa vida fica apenas focada numa coisa: HIV", contou.

Foi então que decidiu que queria continuar focada e dedicar-se à Sida mas de uma forma mais oficial e abrangente. Não apenas por raiva. Trabalhou durante cinco anos como voluntária numa organização não

governamental sueca, a Fundação Noah's Ark — Cruz Vermelha. Depois mudou-se definitivamente para esta segunda casa em 2000 e hoje continua a trabalhar numa função ligada à divulgação da doença a nível internacional. É embaixadora do país para o HIV/Sida e faz parte do "think-tank" da União Europeia relacionado com o tema.

Decidiu lutar contra a Sida para ajudar os outros? Ophelia apressa-se a corrigir. "Não decidi lutar contra a Sida. Decidi trabalhar comigo própria para compreender a doença. Nunca trabalhei contra nada. Não havia nada que eu pudesse fazer. Só trabalhei contra a minha atitude para comigo própria. Trabalhei para aprender a aceitar o HIV e viver com ele. Trabalhei muito para perceber que, por pouco tempo que vivesse, podia escolher como passar esse tempo. E definitivamente queria que fosse um tempo bem passado".

E porque decidiu ajudar os outros? Ophelia dá novamente a sua versão. "Foi quase uma questão de egoísmo. Foi-lo por mim. Não sei se estou a ajudar alguém mas estou certamente a ajudar-me", reiterou.

UM FILHO PROGRAMADO

Uma ajuda que permitiu que Ophelia reconstruísse a sua vida. Não consegue disfarçar o sorriso branco luminoso. Toda a sua expressão ganha uma nova alma quando confessa que se voltou a apaixonar. E deste novo amor nasceu um filho que tem agora 15 anos. Um filho programado e muito desejado. Um filho que só foi concebido depois de tomadas todas as precauções para minimizar as possibilidades de o vírus lhe ser transmitido.

Viveu a gravidez com preocupação mas assegurou que encontrou nas equipas médicas de Estocolmo todo o apoio e informação de que precisava. Na família também. A sua filha mais velha, agora com 21 anos, esteve sempre a seu lado e é a primeira a alertá-la para não se esquecer da medicação. "E que até agora tenho a sorte de não ter nenhuns sintomas. O meu sistema imunitário tem estado ótimo e tenho muito menos problemas e gripes que a maioria das pessoas".

Agora, já lá vai o tempo em que chegou a temer que os filhos sofressem algum estigma por a mãe ter "isto". E assume: "O pior estigma que tive de ultrapassar em relação ao HIV fui eu e aquilo que eu pensava que as pessoas estavam a pensar sobre mim. Temia que as pessoas achassem que eu era estúpida ou promíscua por não ter usado preservativo. Se alguém se recusava a partilhar algum copo comigo achava logo que era por causa da doença. Mas há sempre pessoas que não querem partilhar o copo, nem comigo nem com ninguém. E isso não é problema meu. Foi a minha maior luta: entender que as pessoas, às vezes, rejeitam coisas porque sim e não por minha causa".

Por isso, mudou a sua atitude e sublinha que está "confortável". "Não estou feliz por ter HIV mas a minha vida passou a ser eu. Agora o vírus é parte de mim tal como é o meu cabelo. E eu não questiono o facto de ter cabelo".

Mesmo assim, deixa um conselho àqueles para quem o vírus ainda não é uma parte do corpo. "Só podem acreditar em vocês. Quando namoram com alguém é sempre importante fazer exames". Ophelia é

a prova de que o vírus não é uma marca inscrita na nossa pele à vista de todos. Da sua figura cuidada transparece calma, alegria e saúde. Se não fosse a gravidez talvez só tivesse chegado a saber o que tinha quando os sintomas fossem irreversíveis.

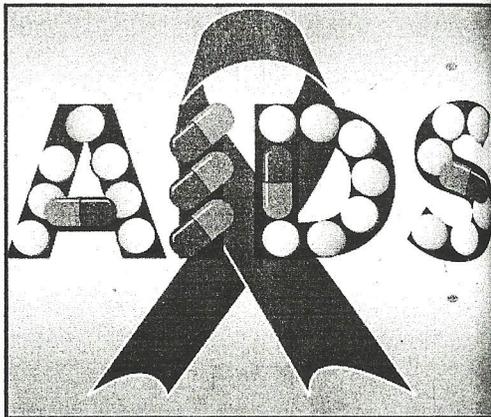
"RELIGIÃO NÃO PODE ESTABELCER DOGMAS QUE MATAM OS OUTROS"

Sobre declarações como as do Papa Bento XVI contra o uso do preservativo, lamenta que pessoas com lugares de destaque tenham "dias maus" e comentem assuntos quando estão "fora da realidade da contracepção". E sublinha: "Eu sou católica mas acho que a religião existe para ajudar as pessoas e não para estabelecer dogmas que matam os outros".

No mundo há mais de 33 milhões de pessoas infectadas pelo vírus da Sida. Só no ano passado surgiram quase três milhões de novos casos e dois milhões de pessoas morreram com doenças associadas à Sida.

Ophelia pede, por isso, às famílias que falem abertamente sobre sexo e não façam deste tema um tabu. "A informação é a chave para tudo. Quando vamos a um país novo lemos sobre ele. Se lidamos com uma doença devemos ler sobre ela. Quanto mais sabemos de uma coisa menos a tememos".

Foi também com este intuito que Ophelia aceitou escrever, em parceria com uma jornalista, o livro "Ophelia's Journey". Nele conta a história da sua vida na Zâmbia e na Suécia e relata diferentes episódios da sua diáspora para divulgar a doença e a forma como esta afecta os dois continentes. Dá também conselhos sobre a melhor forma para lidar com o tema e como



contar aos mais próximos que se tem o vírus. "Tornei algo negativo em algo positivo", afirma.

O livro deu origem, no ano passado, a um documentário de 50 minutos, que fez a pensar nas pessoas que não sabem ler, em especial nas mulheres de países em desenvolvimento. O HIV no feminino é quase sempre o seu foco. "Infelizmente em países como a Zâmbia o principal problema ainda pode ser encontrar água. Quem se vai preocupar com Sida?"

Nesse sentido, deixa um desafio a uma jornalista, o livro "Ophelia's Journey". Nele conta a história da sua vida na Zâmbia e na Suécia e relata diferentes episódios da sua diáspora para divulgar a doença e a forma como esta afecta os dois continentes. Dá também conselhos sobre a melhor forma para lidar com o tema e como

acreditar que não há cura. Era muito sádico adiar uma cura sublinhou. Da mesma forma, pediu às empresas que assumam o seu papel social e que não excluam ninguém apenas porque tem Sida. "O HIV não é uma qualificação e não nos impede de pensar. O vírus não nos estupidifica e mesmo um cozinheiro, se cortar um dedo, sabe o que fazer".

Em jeito de retrospectiva, 18 anos depois de ter descoberto que tinha o vírus, Ophelia defende que "o maior problema é a atitude que temos perante as coisas, seja sobre Sida, sobre países, sobre imigração ou sobre a cor das pessoas". E lança um desafio: "Experimentem durante 21 dias não se queixarem de nada, verão como são felizes durante três semanas e como viverão mais tempo."

Estudo sobre parceiros múltiplos traz várias surpresas

Ter múltiplos parceiros pode não ser tão comum na África do Sul como se pensava, de acordo com um estudo apresentado no Simpósio de Pesquisas sobre a SIDA na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo.

Saul Johnson, director-gerente da Health & Development Africa (HDA), a empresa de consultoria de saúde que realizou a pesquisa, afirmou que as descobertas feitas em quatro locais do país mostram que somente cerca de 26 por cento dos homens e cinco por cento das mulheres afirmaram ter tido mais de um parceiro nos últimos 12 meses.

"A percepção de quem vê de fora é que (ter múltiplos parceiros) é mais comum do que a realidade", disse ele ao PlusNews.

A razão pode ser o facto de os homens exagerarem o número de parceiros que têm. Johnson e a sua equipa descobriram que quando pediam aos homens que escrevessem o número de parceiros que tiveram nos últimos 12 meses eles exageravam, mas quando lhes perguntavam sobre as circunstâncias do encontro sexual com mais detalhe, usando um calendário de parceiros sexuais, eles frequentemente trocavam o número por um muito menor. As respostas das mulheres tinham maior probabilidade de serem consistentes.

EXIBIÇÃO E GLAMOUR

Outros testes revelaram que a maior parte dos entrevistados - homens e mulheres - não acreditavam que ter múltiplos parceiros fosse aceitável, mas achavam que outras pessoas pudessem achar que fosse. Johnson especulou que mensagens nos media podem ser responsáveis por essa ideia errônea.

"Eu penso que há uma estranha dicotomia quando os media dizem o quanto isso é horrível, enquanto os media de entretenimento mandam uma mensagem conflituosa através de telenovelas e celebridades que fazem parecer que ter múltiplos parceiros é glamoroso."

A pesquisa também revelou haver uma lacuna entre a realidade e a percepção nas razões para se ter mais de um parceiro. Os motivos principais que tanto os homens como as mulheres deram foram relacionadas à satisfação sexual, mas quase metade dos entrevistados acreditava que as mulheres são mais motivadas por presentes e dinheiro.

"Os media criam essa percepção de que os homens têm múltiplos relacionamentos porque não podem controlar os seus desejos e as mulheres fazem-no porque estão

desesperadas", afirmou Johnson. "Igualmente comum as mulheres dizerem que não estão sexualmente satisfeitas e por essa razão elas têm múltiplos parceiros".

Homens mais jovens, que abusam do álcool, e outros que se consideram incapazes de controlar o seu apetite sexual foram os mais predispostos a múltiplas parcerias.

O estudo, financiado pelo Plano de Emergência do Presidente dos EUA para o Alívio da Sida (PEPFAR, sigla em inglês) através da organização John Hopkins Saúde e Educação na África do Sul (JHHESA, na sigla em inglês), enfatizou a necessidade de haver mais intervenções direccionadas aos homens. Uma série de organizações comunitárias que trabalham com a JHHESA irão utilizar as descobertas para guiar seus programas de prevenção de HIV/Sida no futuro.



Ter mais de um parceiro pode ser mais raro do que se pensa



"Se lidamos com uma doença devemos ler sobre ela. Quanto mais sabemos de uma coisa, menos a tememos", diz Ophelia